

# REVISTA DE ARTE E CIENCIA



1.º ANNO — N.º 1

28 DE NOVEMBRO DE 1914

Amador Ribeiro Janeiro 1915

COMPRA  
302103

# A GALERIA

REVISTA QUINZENAL D'ARTE E SCIENCIA

DIRECÇÃO E PROPRIEDADE DE: — *Alves Martins, Costa Cabral, Ferreira Monteiro, Garcia Pulido, Nicolau Sobrinho, Oscar Soares, Tito Bettencourt.*

DIRECTOR ARTISTICO: — *Tarquinio Bettencourt.*

## SUMMARIO D'ESTE NUMERO:

*Rôta a seguir; Os cuidados de Horacio, EUGENIO DE CASTRO; Senhora dos sequiosos, A. ALVES MARTINS; Os escravos choravam, TITO BETTENCOURT; Alegoria da salvação, A. FERREIRA MONTEIRO; Psychologia da Arte — Avé Maria, gratia plena, J. COSTA CABRAL; Beijo Eucharistico, THEOPHILO CARNEIRO; O baptisado das gaivotas, CARLOS CANDIDO; Genese dos phenomenos religiosos em geral, J. MATHIAS LOPES; De quando os «Vapores» aportam, ANTONIO DE SEVES D'OLIVEIRA; Chronica GARCIA PULIDO.*

### Redacção:

Rua Fernandes Thomaz, 85 — Coimbra

### Editor:

José E. da Costa Cabral

### Depositario:

França Amado

Composição e impressão:

Typ. MINERVA, de Gaspar Pinto de Sousa & Irmão

AVENIDA BARÃO DA TROVISQUEIRA — FAMALICÃO

## Rôta a seguir



ALERA do Pensamento, singra pelo Mar da Vida fóra e que o vento te seja propicio, sem tropeçares no preconceito ou no espirito de seita ou escola, n'uma estreita união de Navegantes, irmãos todos nós os que temos no Espirito os espinhos da Vida, que se hão-de tornar para tantos as rosas que lhes tapetarão a marcha que vamos proseguindo. Para a Luz vamos todos caminhando com alvoradas de Sorrisos e, para que as Tormentas se nos tornem Esperanças, nos unimos aqui todos aquelles que, n'um grande abraço de Ideal e de Saber, se estreitam n'uma communhão sacratissima, porque é no Altar onde todos os esforços se conjugam, todos os ideaes se irmanam — a Verdade, o Bello e o Bem.

Nada promettemos, sabido que prometter e dar duas coisas são, e não é de Cavalleiros da Palavra empenhada e de cavalheiros a quebra do compromisso tomado.

Cada um de nós tem plena liberdade d'ação dentro da sua esphera e, portanto, tem cada um a responsabilidade da secção que dirige; Irmãos todos, não ha precedencias, porque queremos conseguir que todos os que sentem, podem e sabem sentir venham enfileirar-se ao nosso lado. Recebêl-os-hemos com a franqueza com que nas nossas terras, tão Portuguezas e tão lindas, se costumam abraçar os que chegam. Com todos seremos absolutamente francos e leaes; não teremos ricos salões para os receber, mas temos sempre a Mesa posta para com elles trocarmos impressões. A nossa Taça correrá de mão em mão e com magua despediremos aquelle que não lhe souber tomar o Paladar, a achar tosca de mais ou vir que é por demais fino o seu rendilhado.

Não temos filigranas que se esmaguem entre os dedos, mas não temos tambem bronzes tão duros que mãos fina e superiormente tratadas não saibam e não possam trabalhar.

Comnosco estão nomes, alta e justamente considerados no nosso meio intellectual e contamos poder dar, em cada numero,

mob 93963 (exist.)



△ A GALERA

ineditos dos Mestres, mas o meio é escasso e o receio é muito ;  
receia-se e teme-se muitas vezes.

Contamos, porém, ser superiores ao receio e vencer o medo.  
Costumamo-nos tão cedo a não sermos crianças! Também não  
queremos pairar na região do Sonho, onde só entram Videntes!

Acreditamos no nervosismo do Genio, mas não pensamos  
atingir proporções taes, que não queremos saltar por cima da  
parede mestra que separa o Talento da Loucura!

Como o nosso subtítulo indica, versaremos os diversos pro-  
blemas e assumptos d'Arte nas suas multiplices fórmulas e aspe-  
ctos e com igual carinho trataremos os que a Sciencia nos apre-  
sentar.

A promessa é simples na fórmula, mas é profunda na essencia  
e no penhor da palavra dada. Isto basta, portanto!

Caminha Mar fóra, Galera do Pensamento, corta as Ondas  
que se te apresentam e crê bem que as Fadas te hão-de abrir  
larga esteira para seguires caminho conforme o roteiro que levas  
traçado!

Vigia do Mastro Real, Timoneiro e Mareantes, todos a pos-  
tos e que a Senhora da Guia nos ponha a Virtude!

Homem do Leme, gageiro, tu que estás ahí, levanta ferro e

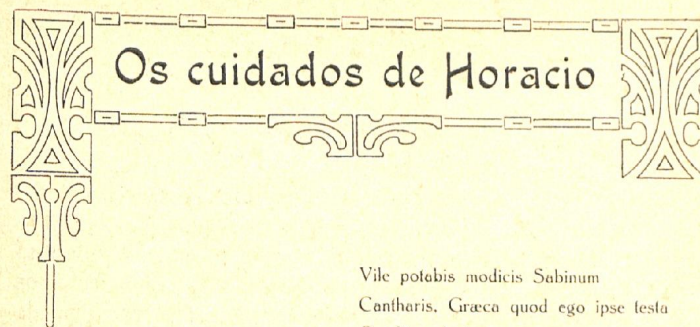
ÁVANTE!

## MARIA FEIO

Está entre nós esta distincíssima escriptora, que vem fazer na  
Universidade de Coimbra uma série de conferencias sobre o thema  
*Solidariedade Social*.

Esta nossa talentosa collaboradora vem ha longo tempo empe-  
nhada na santa cruzada da *Solidariedade Humana e Defeza dos pe-  
quenos*, o que a torna a todos os titulos devéras sympathica.

A Sua Ex.<sup>a</sup> apresentamos os nossos cumprimentos.



## Os cuidados de Horacio

Vile potabis modicis Sabinum  
Cantharis. Græca quod ego ipse testa  
Conditum levi...

HORACIO.


**Q**UIDA a grata missiva em que Mecenas  
Com terno empenho a versejar o exhorta,  
Sobre a latada que lhe ensombra a porta,  
Horacio escuta as pastoraes havenas.

Passam no azul retardatarias pennas;  
A lua nasce n'um palor de morta...  
E ao escravo o Poeta diz, descendo á horta  
Onde a colméa dorme entre verbenas:

—“Estas rosas, aqui, e essas, vermelhas,  
“Rega-m'as bem, e os cravos da Numidia  
“Que estão além, defronte do lagar;

“Quero um festim de flor's dar ás abelhas,  
“Que em troca me darão favos p'ra Lydia  
“E cera para as amphoras sellar.”

EUGENIO DE CASTRO.



## SENHORA DOS SEQUIOSOS

«Sitis mihi est vita»

I

**A**U venho da carreira de Fontêlo:  
Fui beber agua á minha Fonte Arcada.  
Todo o poema da Fonte eu quiz bebê-lo:  
Parecia a minha sêde illimitada!

Já satisfeitas minhas rezas d'agua,  
Minh'alma novas rezas quiz erguer!  
Agua da Fonte — espirito de fragua! —  
Que fazes tu p'ra eu te não esquecer!?

Agua bebida é sêde p'ra mais agua?  
Então, ó Fonte, com prazer, sem magua,  
Sofragamente te virei beijar!...

Como se eu visse a agua em mim correr:  
É que eu matei a sêde de a beber,  
Mas não matei a sêde de a cantar!

II

**A** voz da Fonte, embaladora ao luar,  
Grita p'la Terra quando o sol a abraça!  
Ha beijos d'agua a appetecer!... O ar  
Dá-nos, na côr, uma visão de taça!

Meu Deus! Meu Deus! que sêde nas raizes!  
Oh que raivosas ancias de beber!  
Lascivia d'agua, sinto o peito em crises:  
Vou roubar vida, á Fonte, p'ra viver.

Que cante em nós a voz da tua vida!  
Dizem boccas, á Fonte, presentindo  
Dentro do peito a sêde commovida.

Ha preces d'agua em fundos desejosos;  
E a sêde, sensual, lá vae unindo  
Peitos de carne,—a peitos pedregosos!...

4

GALERA

III

Desejos d'agua, eu agua verbebe  
—A gente assim, que bem, é bup, fica!  
Beber da Fonte é quasi queizer,  
Da nossa sêde, uma canção á bie!

A agua canta p'ra se dar maior;  
P'rá minha bocca, ao dar-lhe beijo, trago-a.  
E por milagre seu, ao meu abôr,  
Com agua esqueço a minha sêde aqua!

Oijo cantar a Fonte e sinto sêde!  
Sequiosa de boccas—ora vêde —  
Como ella pede abraços sensaes!...

Olha o sol como a abraça em diamardente!  
Vêr uma Fonte é sentir sêde a gente  
E a sêde é Vida—a dar-nos vida nós!...

IV

**A**gua da Fonte, ó boccas sequiosas,  
Da vossa sêde é Agua-Prometida!  
Bebendo á Fonte as falas rumorosas  
Ficaes sabendo o fim da sua vida.

Agua da Fonte, agua da minha infiecia,  
Em moço ia bebê-la, sem pensar  
Que mais tarde,—sequioso na distancia! —  
Para a beber teria de a cantar!...

Ó Fonte, que me dás da tua agua  
Fôra eu pastor, e fôras tu uma fragua,  
Oh que sêdes iriam pela serra!

Que a minha voz se espalhe no horizonte:  
Eu canto a tua agua, ó minha Fonte,  
Para que tu faças cantar a Terra!

(Do livro — "Fonte Arcada,, a concluir).

Beira-Alta — 1913.

ANTONIO ALVES MARTINS.

5

# Os escravos choravam

Ao Mario de Sá-Carneiro.

*Os escravos apinham-se curiosos escutando, avaros das palavras de um homem que se cobre com a clâmide branca dos patricios. A figura d'este destaca-se sobre o fundo negro do grupo de escravos n'um contraste de affronta e igronomia.*

*Os corpos nus dos escravos que o sol da Ethiopia bronzeou rudemente, esfregam-se uns contra os outros em sobrehumano esforço de attenção, como se pedissem reciproca ajuda para abarcar o insondavel infinito que encerram as palavras do patricio a quem contemplam com olhos inchados de assombro.*

*As ondas do mar Tirreno chegam mansas e ténues com um leve rumor de conchas e areia. Ao fundo a cidade brilha como um solemne espelho de marmore e pelos rochedos proximos, a multidão de cortezãs e patricios passeia buliçosa.*

## SCENA PRIMEIRA

O PATRICIO

Digo-vos a verdade. Nem o proprio César poderá deter o impulso da vossa rebeldia que vos redimirá, que vos fará homens.

OS ESCRAVOS


*(Exaltados e inquietos).* O patricio diz a verdade. Rebellemos-nos!

O PATRICIO

Sois a maioria; sois a força. Pensae bem n'isto: a força é a unica que domina e que vence. Poderá César acaso deter o impeto dos ventos que fazem naufragar as trirêmes? Pôde elle impedir que a lava incendiada dos vulcões sepultasse em chammas as suas cidadas mais formosas? Se os Gallos arrojaram os seus legionarios do Norte, porque foi senão pela força?

OS ESCRAVOS

*(Com convicção).* E' verdade, é verdade!

A GALERA 

O PATRICIO

Sim, mas comtudo, vós resignaes-vos!

E' bem merecido que a mão debil e minillo patricio esbofeteie brutalmente o vosso rosto de ossos, de llos estrados. O diaes e fingis amor e complacencias!... Escravos, é que aprendesteis tão bem a resignar-vos, que chegasteis a olvidar q'entre vós e o vosso amo só existe a differença da clâmide compe de se cobre?

UM ESCRAVO

*(Com decisão).* Rebellemos-nos!

OUTRO

Queremos descansar como o nosso amo desansa!

OUTRO

Queremos ter um lar!

TODOS

Como os nossos amos, o mesmo que os nossos amos.

## SCENA SEGUNDA

PERSEA

*(Chegando apressada, com gesto desolado).* Ouvi, ouvi a minha desgraça.

*(Os escravos rodeiam-na anciosos).*

UM ESCRAVO

Que tendes, amiga Persea? Qual o motivo da vossa afflicção?

OUTRO ESCRAVO

Contae, contae a vossa desgraça!

PERSEA

A maldição dos deuses cáia sobre o patricio; que a cólera de Jupiter se ceve na sua cara e no seu corpo; que os seus olhos se tornem ninho de viboras e que o seu coração seja a guarida dos escorpões peçonhentos e felidos.

OS ESCRAVOS

¡ Maldição sobre o patricio!

*(Persea, arrodilha-se no chão; arranca as fibras de ebano da sua cabelleira; os dentes rangem-lhe n'um rugido de raiva; á sua volta, os escravos ferem as testas com punhos crispados, e ao largo o patricio da clámide branca observa taciturno esta scena de desolação.)*

UM ESCRAVO

Mas, amiga Persea, dizei-nos a causa do vosso pranto.

PERSEA

Conheceis Cefión, o meu novo senhor?

Oh, baboso immundo; carne vil é o seu corpo, despojo da ergastula é o seu coração miseravel!... Foi elle a causa da minha desdita!... Recordaes-vos de Tefé, de minha filha?; pedaço rosado da carne das minhas entranhas, aquella que tinha a bocca vermelha como a corolla de uma rosa, a que tinha as pernas esbeltas e tersas moldadas por Venus para a consagração das suas dansas... Pois lá está, hirta, fria, pendente da cruz...

UM ESCRAVO

*(Com assombro).* Crucificada!...

PERSEA

*(Abatida, chorando).* Sim, crucificada, crucificada!... Crucificada porque o immundo sátyro Cefión quiz saciar a sua lascivia em carne tenra e débil. Não logrou o seu desejo e a sua luxuria ficou saciada ante o sangue morno que vertiam as feridas de Tefé, ao ser crucificada.

UM ESCRAVO

*(Com indignação).* Ouvis? Ouvis todos?

OUTRO ESCRAVO

*(Mostrando o punho cerrado á cidade).* Sauthora! Vingue-mos o sangue innocente de Tefé!

OUTRO

Juremos sobre ella a nossa rebellião.

TODOS

Sim, rebellemos-nos, rebellemos-nos!

*(Os escravos apinham-se em tropel, levantando no ar braços e bronzeados. Apartado do grupo, o patricio observa caladamente a scena. Cae e continua trazendo com leve rumor conchas e areias, e ao fundo a multidão de patricios passeia buliçosa.)*

### SCENA TERCEIRA

*Por um caminho apparece de repente o estrepito da aborte. Os legionarios passam ebrios, derribados sobre os corceis suados; o pó do urinho envolve a indisciplinada tropa, que marcha cantando a canção obscena dos senecios. Um centurião detem o ginele ante o grupo dos escravos.*

O CENTURIÃO

Eh! Que fazeis por aqui em tropel? Tão arranjadas haveis deixado as casas dos vossos amos que já não precisam do vosso serviço? Eia! Fóra d'aqui, escravos, fóra d'aqui, isto é passagem de pessoas livres!...

*(O latego traça nos arcs a affronta ignominiosa da sua tyrannia. Passa pelo grupo dos escravos um estremecimento de espanto. O patricio da clámide branca observa anhelante. O centurião, impaciente, faz estalar o latego pela segunda vez, e os escravos, em cujos olhos brilhou um momento uma labareda de odio, debem resignadamente a cabeça e desfilam ante o centurião ebrio e grosseiro que empunha o latego. Quando cae o panno, o patricio, com um encolhimento de hombros, volve o olhar ao mar latino, que com um leve rumor continua arrastando conchas e areia; os escravos seguem chorando...)*

*(De um livro de evocações dramatisadas, em preparação.)*

TITO BETENCOURT.

## ALEGORIA DA SALVAÇÃO

**A**rgueu-se ha pouco o Sol,  
E despertou a terra, e p'los montes,  
Bebendo a luz que doira os horizontes,  
Ranchos alegres sobem a cantar:

### *Côro*

Nossa vida de canceiras  
Teve a benção da manhã:  
E' nossa a terra, e das leiras  
Vem-nos a graça christã.  
Bemditas as sementeiras!  
Bem dita a luz da manhã!

### **Um velho camponez**

A cavar envelheci,  
Criei filhos a esmolar,  
Co'a minha enchada escrevi  
A elegia do meu lar!...

Acabaram-se as desgraças:  
Já não ha fome no mundo!  
Homens de todas as raças,  
Nosso destino é jocundo!

### *Côro*

Acabaram-se as desgraças  
Já não ha fome no mundo!

### **Um operario**

Escravo, vivi nas minas  
P'ra ganhar o pão dos meus,  
Por via de infandas sins  
Privado da luz dos céus!

Possuidos da Verdade,  
— O' camponez, meu irmão,  
Fizemos a Liberdade  
P'la força da nossa acção!

### *Côro*

Fizemos a Liberdade  
P'la força da nossa acção!

### **Um ex-presidiario**

Um filho do crime sou,  
— Miséria que já lá vae!..  
O juiz que me julgou  
Conheço-o hoje: é meu pae!

E se crimes cometti  
O mundo foi o culpado,  
Na graça me redimi  
Do mundo novo acatado.

### *Côro*

Na graça te redimiste  
Do mundo novo acatado.

**Uma prostituta liberta**

Era linda e tive fome,  
P'ra comer prostitui-me...  
Depois roubaram-me o nome  
Deram-me a senha do crime...

Fui a estatua do impudor:  
Eis o que a lei de mim fez!  
Libertada p'lo amor  
Já sou mulher outra vez!

*Côro*

Libertada p'lo amor  
Já és mulher outra vez!

**Um philosopho**

Fomos hordas odientas,  
—Maus interesses nos guiaram,  
Em pejeas violentas  
Nossos peitos se encontraram.

P'lo esforço evoluimos,  
Tendo um pharol: a verdade!  
E no ponto a que subimos  
Somos irmãos na Igualdade!

A nossa familia é grande,  
—Filhos do Sol que alumia,  
Não precisamos quem mande,  
Que o amor é garantia.

*Côro*

Não precisamos quem mande  
Que o amor é garantia.

**Um poeta**

Vivi a sonhar chimeras,  
—Chamava-lhe o mundo assim...  
E o romper das novas eras  
Foi ante-visto por mim.

Das chimeras que eu sonhára  
Eis o divino esplendor:  
Fez-se a semente em seara,  
E' filha do nosso amor!

Alvoradas! Alvoradas!  
Resurreição de Jesus!  
Ha venturas encarnadas  
Correndo em jorros de luz.

Os ranchos vão subindo... Afastam-se...  
Ouvem-se os ultimos eccos vindo do cimo:

Ha venturas encarnadas  
Correndo em jorros de luz...

(Para o poema **A UTOPIA**).

ANTONIO FERREIRA MONTEIRO.



Avè-Maria, gratia plena



Arte exprime a Vida e é tão mysteriosa como ella. Só o coração, o Sentimento ouve e interpreta a Arte sem a amesquinhar, que de resto os pinceis e as pedras, na sua inconsciencia, são bem mais leaes do que os homens mais sinceros. O cinzel e o pincel não mentem e, contra o que diz **Poincaré**, a Arte presente pelo sentimento o que a Sciencia só muito mais tarde conhece em toda a realidade e comprehende. O Sentimento é bem o precursor da Verdade, o que já **Platão** sustentou ao dizer que o Bello é o esplendor da Verdade. E' preciso saber, porém, traduzir, conhecer o Sentimento, a sua linguagem.

Sendo assim, a Arte não obedece a leis, a fórmulas, embora ella procure sempre a Verdade, seja qual fór o ramo e aspecto que ella revista.

«A Arte resume a Vida» e, portanto, nós vamos em presença do pincel ou do cinzel do Artista dizer a epoca, o clima e o meio em que ella viveu. Ninguem certamente vae confundir o **Discobolo**, de **Miron**, com a **Piedade**, de **Miguel Angelo**, não obstante o clima da Grecia ser bem semelhante ao da Italia, pois que aquelle era de Eleutheras, confins da Attica e da Beocia, e este de Caprese, perto de Arezo, na Toscana, como não confunde também **Phidias** com **Rembrandt**, ou a **Annunciação**, do cemiterio de Priscilla, em um dos *loculi* das Catacumbas, com igual thema de **Pisanello** ou com a **Annunciação**, de **Guido**, isto sem sahirmos da Italia, e não querendo por agora fallar nos quadros de **Raphael**. Ninguem ha, porém, por pouco artista que seja, que não reconheça em qualquer dos quadros representando a **Psyché**, o mesmo thema que **Rodin** versou na parte humana da **Centaura**. E' sempre a Alma que lucha desesperadamente para attingir o Ideal. Isto é importante e só o não comprehende quem não sabe lêr nos quadros e nas pedras.

Temos visto por ahi classificar quadros e monumentos por idades e epocas, mas não temos encontrado quem queira lêr no gesto e no rictos do personagem o pensamento que dominou o Artista através as idades e os tempos.

De facto, **Morelli**, que nenhum estudioso d'Arte deve desconhecer, fazendo Anthropometria Artistica, dá como cunho da Escola de Sodoma, o seguinte.

«O afusado dos dedos da mão: a ligação dos dedos á mão é muitas vezes, diz elle, indicada por uma pequena cavidade: as paisagens representam a mór parte das vezes uma vasta planicie cortada pelas aguas, semeada de pequenos grupos d'arvores, limitada por um dos lados por uma collina com habitações guarnecidas de torres, templos

romanos e arcos», mas nada nos diz dos sentimentos que **Giovano Bazzi** quiz traduzir, da fórma como os traduziu, do mysterio que tratou.

E' necessario estudarmos o Artista, a sua Obra, que traduz o Pensamento e a Verdade tal como eram concebidos no seu tempo, mas que no mysterio dos rythmos e das fórmulas, constitue uma verdadeira iniciação, escapando á comprehensão das multidões, que vão passando de rebanho a Humanidade.

Depois e além d'isso, isto de olhos especiaes e dedos afusados não se mantem em todos os quadros do mesmo pincel.

E' vêr a **Eva** e a **Natividade**, dois quadros da Galeria de Siena, ambos de **Sodoma** e tão differentes, e também a **Madona**, de **Brera**, que tanto se approxima dos trabalhos d'aquelle pela paisagem, distanciando-se muito pela figura, fazendo com que este quadro seja attribuido a Sodoma, embora desenhado por **Leonardo de Vinci**, o que é manifestamente um erro perante essa mesma Anthropometria Artistica.

Não obstante, Sodoma não se preocupou demais com as exigencias chamadas technicas, procurando mais penetrar as almas, traduzir pela physionomia os gestos e as posições das pessoas, os seus pensamentos secretos, enchendo os seus quadros de volupia e de vontade de viver, e respirando-se n'elles liberdade e persuasão.

Não conhecem todos a differença notavel e caracteristica entre Sodoma e Leonardo de Vinci?

Aquelle deu-nos a exuberancia da Fórma, da Materia, e este a subtileza e perturbação da Alma. Não obstante, aquelle tem passado para muitos como discipulo d'este.

Na realidade, o gesto d'uma figura, o rictus d'um busto, o cerrar de olhos d'uma mulher, o apertar d'um peito, quantas vezes não desmente todo o entretecido d'uma lenda, não desvenda todo o mysterio d'uma vida?

Vendo, sentindo e percebendo uma obra d'Arte Antiga, nós sentimos-nos reportados á epoca em que ella appareceu, vivemos a vida d'então e reproduzimos no nosso cerebro o pensamento que a animou.

Ao passo que as civilisações se manifestam mais ou menos ephemeramente pelos seus trabalhos litterarios, mesmo nas suas relações com a Dansa, o Canto e a Musica, deixam traços perduraveis na Architectura, na Pintura e na Esculptura, ainda mesmo nos menores trabalhos industriaes e artificiosos. Por sua vez, quem quer surpreender e comprehender determinada corrente philosophica em uma epoca ou através os tempos, tem de estudar estes elementos, sem o que o seu trabalho não tem sequer visos de verosimilhança, quanto mais de Verdade.

Estas considerações tem ainda mais razão de ser quando respeitam aos phenomenos religiosos, tão intimamente ligados aos costumes e á Moral dos povos, além de que, como disse **Fuschini**, a noção de Deus é «o melhor manancial da Arte», e é d'um dos chamados milagres de Deus que especialmente vamos tratar.

Procuraremos nós fazer o que se não tem feito e escolhemos para isso o thema da *Annunção*, porque elle synthetisa uma das paginas mais bellas da Historia da Arte, da concepção christã da Mulher, sendo ao mesmo tempo um dos problemas mais transcendentés da Philosophia das Religiões e um dos quadros mais interessantes da Historia.

Para bem lermos os Artistas, é preciso vivermos a sua vida, reportarmo-nos á sua epoca, ao seu meio emlim, tanto mais que, como no caso presente, a já referida noção de Deus «e o grupo de ideias e de sentimentos, que em volta d'ella, como centro, constituem, disse Fuschini, por assim dizer uma cathogoria do espirito humano» obedecem, como todas as Ideias e factos sociaes, a influencias mesologicas, taes como o meio natural, o meio social e a propria acção pessoal.

Por meio da Arte, nós sentimo-nos irmãos das gerações que passaram, damos-lhes as mãos, e vemos como é verdadeira a doutrina de que a Alma perdura de geração em geração, tendo sempre os mesmos anceios, levando na mão o Fogo que Prometheu arrancou dos Céus.

O Artista, não ha duvidal-o, é o coração e os olhos da Humanidade; lendo os seus quadros, o seu cinzel, nós sentimos palpitar o coração dos homens e conhecemos-lhes as suas alegrias e as suas dôres.

Quem ha ahí que não veja no já citado quadro de **Guido** um grande desfalecimento da sua alma de Artista, no efeminado da pintura, em que a doçura toca as raias da insipidez, contrastando extraordinariamente com os quadros da sua juventude? E' o estado da sua Alma doentia, em que as ternuras da sua devoção beijam os extases do seu amor divino.

E' factó, sabemos-o bem, que ainda hoje ha quem não queira que deva o pincel ou o cinzel dar as chagas sociaes, traduzir as nossas maguas e os nossos sensualismos, mas quem assim pensa tem apenas olhos para olhar e não para vêr. Dá-se isso com a *Verdade* e o *Extase de Santa Thereza*, dois soberbos marmores de **Bernin**, em que se conhece já qual o espirito da epoca, e em que, mórmente n'este ultimo cinzel, os puritanos do religioso vçem muito do sensualismo e fórma profana.

De factó a *Verdade* é um canto divinal á Mulher, ao Belo feminino, ao Nú, em que as palpitações dos seios mostram toda a sua turgidez e em que a Natureza viva faz crepitar a ardencia das carnes em toda a Belleza e Verdade.

Dá-nos mesmo vontade de lhe ir tomar o pulso, beijar-lhe a fronte, para lhe sentir o latejar das arterias, que nós vemos tremer-lhe a pele, e em que a Vida se expande energica e sãmente.

No gracioso flectido da perna e na outra, que repousa sobre o pedestal, ha tanta graça, tanto encanto, que nós temos vontade de a tomarmos por sob os braços e beijarmos-lhe ardentemente os labios.

E' tão bello beijar a Verdade!

(Continúa).

J. E. DA COSTA CABRAL.

## Beijo Eucharistico

**H**ORA em que a tarde pende... Hora serena...  
Cinge-me a fronte a graça do sol-posto  
E o meu amôr, a mystica assucena,  
Vae-me afagando brandamente o rosto!...

Hora profunda e calma... Avé-Marias...  
Tangem os sinos badaladas lentas,  
E, n'um adeus ao Sol, as cotovias  
Batem as azas, cantam somnolentas.

Hora emotiva e santa... A luz agora  
Fez-se um ecco do sol, é já luar,  
E a minha amada, a pallida senhora,  
Dá-me n'um beijo o sol a commungar!...

Dá-me n'um beijo o sol a commungar  
E, então, desponta em mim a luz da aurora,  
N'um sonho de belleza a palpitar!...

— Bemdita seja a pallida senhora,  
Loira de sol e branca de luar!...

THEOPHILO CARNEIRO.

a. A. M. 209.



**L**HÉU pequeno e inabordable quasi, em asperezas de rochas ponteagudas, emerge do mar n'uma solidez de eras esquecidas em que os elementos travassem a sua primeira guerra.

Seguindo-o, outros mais e mais pequenos, simples calhaus onde nem sequer pôde infesar-se uma vegetação rasteira.

No primeiro, tonalidades pobres d'uma flora mendiga, mal pondo uma nota de seivas n'um palmo de argillas vermelhas onde a custo magros e torcidos arbustos d'um verde-bronze-sujo conseguem medrar.

Nos outros crystallisações de chloreto de sodio de quando em dias de temporal às vagas o vento sacode os cimos, onde ha curvas de foices assassinas, jubas de phantasticos leões e alvuras de véus de noiva, para algumas vezes quasi os vestir n'um manto arrendado de tunica branca de espuma.

Para o occidente o mar amplo com tonalidades varias denunciando os fundos.

E lá muito ao longe a imperfeição dos sentidos dando ao mar uma aresta ideal.

Rasgando-o como cetaccos enormes, os vapores passam vomitando um fumo branco que das chaminés sae espiralado.

Ao rarefazer-se toma subtilisações quasi de sonho, apparencias fugazes de rendas mysteriosas que mãos divinas fecessem.

Corre ao oriente a costa em recortes de praias brilhando ao sol abundancias de mica.

No ondular solido das colinas brancas de velas de moinhos e, mais além, casas brancas aconchegando-se n'uma profusão que de longe tem muito de mosarabe, para melhor reprehenderem a subida do monte onde dizem ter Nossa Senhora salvo um cavalleiro.

Pontas avançam sobre as aguas n'um cair a prumo de rochas petrificadas ao sopro d'um *fiat*. Ha-as qu'inda hoje guardam attitudes de desafio, enquanto o mar cavando-se sobre si mesmo, lhes vae minando a base no esburacar constante de quem nas entranhas lhes desejasse abrir cavernas onde o ecco cantasse um eterno psalmo.

N'um orchestrar phantastico de sons macios como um luar de assucenas, ou asperos como risadas de loucos, os tritões de troncos musculosos e guedelhas d'algas, entoariam uma marcha de heroes semi-deuses, nos buzios caprichosos que guardam segredos do fundo. Nas estalactites como colonellas gothicas d'esta cathedral selvagem, o vento em curvas passaria cantando.

As algas e a maresia, n'um odor irritante carregado de desejos, perfumariam o ambiente.

E às portas em dias de bonança, as ondas viriam ajoelhar.

Quando o mar recuasse, as gaivotas em bandos escolhê-a-iam para morada.

E ha escalavrados de rochas em arestações cortantes, com pontas de punhaes e brilho d'agata que as gaivotas escolhem para morada. Pendores que parecem medir a queda, sitios difficeis onde só a aza pôde chegar. E é ahi sobre a rocha quasi nua que ellas vão pôr os ovos.

Ancia de maternidade acordando n'ellas, e pelos homens contrariada na caça feita aos ovos, ao depois vendidos para comer e para ornamento de mezas.

Na fatalidade de procriadoras forçadas e menos heroicas que os airos de papo branco e azas pardas que ao approximar dos caçadores atiram os ovos á rocha e ao mar em movimentos de recuo, ellas teimam em procriar e assim a caça é abundante.

Fins de junho, principios de julho ardente... os filhos já emplumescem e não tardam a voar. Meio dia, sol em braza... mar em espelhamentos...

Sobre o ilhéu, nau de pedra immobilizando attitudes saídas das grandes convulsões, ha gritos de azas brancas, arqueadas, planando alto n'uma estabilidade de desafio.

Tão outros estes gritos, tão differentes de quando o temporal vae desfeito! Não lamentações onde se esgrenhe a dôr, mas o quer que seja d'um convite para uma festa nos ares.

Os bandos do norte e sul elevam-se em nuvem de azas e os seus gritos, gritos brancos de alegria, parecem furar o crystal azul n'uma ascensão para o alto. Nos eccos que o mar acôrda ha mais uma nota, nota limpida, ferida nítida n'um orgão distante perdido talvez nas brumas do mysterio onde os elementos ensaiam as suas symphonias gigantes. Das fugas das vagas, onde ha nuances de esmeraldas liquidas e reflexos de arestas de crystaes brilhando em intermittencias, outras se elevam.

São já mil e mil vôos, laes e tantos que não distinguirieis a primeira que gritou limpida no céu lavado. Vae uma alegria enorme por sobre as nossas cabeças, o sol vem já coado través de pennas.

Umbela de azas vem descendo feita circulo quasi, e as azas vão se focando e o sol já passa estreito.

Cautelosa, riscando os ares, uma gaivota que outra segue attenta, ampara nas azas o filho. N'isto uma syncope de vida, subita, instantanea se dá nos ares; e já todos gritam e se agitem em remoinho.

Mãe e filho são cercados e uma manga d'azas ganha base e se eleva nos ares, em labareda de pennas que um vulcão de vida quizesse mandar aos céus.

Das rétrizes ainda humidas o sol tira reflexos.

Primeiro vôo em pára-quebras com alvuras ás espumas roubadas, aerodromo ideal feito de maciezas de pennas turbilhando vida em alegrias brancas de som e côr, onde falam as maternidades fecundas.

O pae e a mãe onde estarão?

Perdidos entre outros paes, outras mães amparando todos, as azas vacilantes da gaivota pequena; não ha que distinguil-os, são quatro azas e duas vidas que se arreceiam por entre alegrias. Como isto é rapido para mim! eu que desejava isto fosse eterno!

Já uma nevada de pennas, rosa branca a desfolhar no alto e que virá coalhar o mar, vem descendo, enquanto duas azas mais pequenas vão voando para o largo.

Deixal-as ir, que talvez inda voltem.

Ha promessas de poiso sobre o mar, jardim esmeralda onde as pennas e as espumas são inflorescencias brancas.

Voando sempre como quem teme perder o habito ás alturas, um ponto quasi a perder-se nos longes, a gaivota lá vae.

Duas outras vão-n'a perseguindo, quem as não conhecerá?

Deixal-as ir: talvez que inda voltem!

Um pescador moreno d'aquelles ilhéus, disse-me que á tarde quando o sol vaé a morrer n'uma lassidão de quem golfa sangue, ellas costumam voltar.

Que tinham voltado só o soube mais tarde. Ovo feliz que aos caçadores escapou, disse-me o pescador de boina azul, senão, não teria havido este baptisado.

No seu olhar bondoso onde havia a humildade de duas elegias de luz veladas por um nevoeiro-saudade, parecia sorrir uma alma de santo. Contento por elle não ser dos que apanham os ovos, saltei no bofe que o seu braço em amarra puxou para terra. E dizendo um prompto decidido, apertei-lhe a mão de força onde a minha envergonhada pareceu afundar-se, e rapidos, quatro recuos vigorosos n'um só tchap fenderam o mar fazendo gemer os toletes e ao barco cortar a agua.

Já longe o pescador atirou n'um vozeirão de contramestre, um novo convite para alli voltar.

Eu vou a todos, dizia-me elle, e então senti desejos de ser tambem um dos padrinhos do baptisado.

(Do livro em preparação *Terra á vista*).  
Coimbra—Abril—913.

CARLOS CANDIDO.



## Critica de Filosofia e Religiões

### Genese dos phenomenos religiosos em geral

#### I



UMA synthese critica sobre os elementos genericos dos phenomenos religiosos consoante as exigencias mais severas da moderna sciencia, constitue ainda hoje uma these da actualidade, exercendo uma potente attracção sobre a contemporanea humanidade scientifica. N'este seculo sabio e critico por excellencia, é ainda o fulcro em volta do qual gravitam diversos problemas de character moral e politico.

Illusoria e vã é, pois, a opinião dos que pensam diversamente, por confundirem os phenomenos religiosos com uma metaphysica subtil ou uma theologia dogmatica, e converterem os sentimentos do transcendente, da suprema realidade *noumenica* n'uma supina e grosseira superstição.

Verdade é que, hoje, a ideia do Absoluto é muito vaga, vaporosa, não despertando aquelle interesse de outras gerações passadas em que se derramavam rios de sangue por uma palavra ou syllaba determinativa dos attributos d'essa divindade. *Altri tempi, altri pensieri*, escreveu um illustre escriptor italiano. Mas, *bon ou mal gré*, o problema da causa suprema ainda se impõe e as normas religiosas, expressões formaes do immanentismo teistico no homem, hoje como hontem ainda conteem e representam o programma, o pacto fundamental de qualquer norma de valor etico, ou de qualquer systema regulador da vida social. E' por isso que estranho essa *mise-en-scène* a que deploravelmente se assiste, isto é, vêr individuos de elevada cultura, órgãos da direcção moral e politica, fazendo parte dos governos das sociedades, cooperarem n'um febril e intenso *servet opus*, para esse singular apostolado de demolição radical das instituições religiosas, que teem presidido á formação das grandes civilisações e á propria genese das grandes sociedades. Nem este methodo negativo e destruidor é professado individualmente por poucos, já que aquelles que o preconizam constituem legiões, congregam-se em partidos com representantes nas Universidades, nas Academias e nos Parlamantos. Diz-se que a sciencia abriu os seus

inexauríveis thesoiros de progresso ás gerações presentes, mas os phenomenos religiosos ainda subsistem inabalaveis, como nos attestam os factos que o methodo experimental—fonte de tantos e tão maravilhosos resultados para a sciencia—nos constata. O erro das gerações modernas muito verosimilmente consiste, a meu vêr, em não terem analysado e depurado no cadinho do methodo positivo os phenomenos moraes e as leis eticas por que se produzem, da mesma maneira como se tem procedido e com muitos successos praticos no campo do mundo vivo e inerte. D'onde a ignorancia das leis e a erronea convicção de poderem supprimir as religiões como e quando o queiram sem perturbar e socavar profundamente as sociedades que ou as professam officialmente ou devem reconhecer ainda n'ellas o primitivo *substratum* da sua duradoira existencia, que sente ainda circular nas veias do organismo individual de muitos dos seus membros as derradeiras gottas do seu sangue vivificador e quente.

Analysar e comprehender a causa, o *quia* d'estes phenomenos e das suas leis, não é de menor interesse nem importancia, que o fazer o exame e critica da causa e razão suprema das leis por que se governa o mundo physico.

O phenomeno religioso é uma relação do nosso mundo com o mundo do Absoluto, assim como as leis que governam a materia representam relações com o Universo. Mas para além d'estes confins, tanto um como outro perdem-se nas densas trevas do *Ignoramus* e *Ignorabimus* de Dubois-Reymond. Em face d'estas incognitas, a razão é e ficará sempre muda e a sciencia será impotente para satisfazer a legitima curiosidade do homem, porque tal objectivo está fóra do campo visual da sua comprehensão. Porém, se *vis-à-vis* d'estes problemas o poder do espirito estaciona, quasi *crystallisa*, tanto não succede com a curiosidade do homem. E n'esta cruciante expectativa, faltando-lhe o subsidio da razão e da sciencia, recorre a outras faculdades, e energias latentes que a propria Natureza que lhe gerou aquellas vistas, sentimentos e aspirações poz prodigamente á sua disposição para conseguil-as e satisfazê-las.

Estas forças vitaes que se integram sob o nome generico de fé, permitem ao homem por um *processus* sempre envolvido do mysterio, mas sempre constante e evidente, ainda que lento, elaborar visões no campo transcendental e deduzir normas determinadas de conducta moral para a vida presente.

Será superfluo accrescentar que essas visões das supremas realidades ultraphenomenicas, são indemonstraveis, porque onde é possível saber não é necessário crêr e aonde chega a força intellectiva da razão, dispensa-se a fé. Estas visões, que soem expri-

mir-se pelo termo generico de revelações, podem assumir fórmulas diversas vagas ou concretas, internas ou externas, individuais ou collectivas. Geralmente seguem a lei spenariana passando do estado de uma homogeneidade indefinida e incoherente ao estado de heterogeneidade definida e coerente. De feito, confusas e quasi instinctivas nas suas primigenias manifestações quando melhor exprimem a pulsação das aspirações, tendencias e necessidades da humanidade para as suas satisfações, essas visões começam a corresponder e a realisar os seus fins—fins d'este ou d'aquelle povo, atinente a esta ou áquella epoca—, quando se concretisam e assumem fórmulas positivas, já mas vezes indistinctas e fluctuantes, e produzem leis, ora simples e rudimentares como na infancia dos povos, ora tornando-se mais intimas, vividas e reflectidas pelo espirito humano se refinam e espiritualisam na proporção directa que os homens progredem e as sociedades se civilisam. E' por isso que aquellas vistas que se traduzem em fórmulas complexas que provêem á origem e formação das sociedades, se chamam as religiões que a meu vêr correspondem a uma verdadeira e desenfreada necessidade da humanidade. Pelo que póde deprehender-se, que a genese dos phenomenos religiosos escapa á analyse e exame da razão e o methodo experimental, efficaz para o estudo da sua evolução e demonstrar quiçá a sua necessidade, é inapplicavel á sua constituição intima. Demais as forças geneticas e impulsivas das religiosas realidades phenomenicas não são sómente mysteriosas por si mesmas, mas apparecem quasi sempre envolvidas na escuridão das condições elementarissimas dos tempos em que se geraram e desenvolveram e como energias latentes só se transformam em objecto de exame e critica á medida que no homem e na sociedade se desenvolve e exercita a razão e se denunciam por fórmulas e instituições sobre a elaboração das quaes exerceram uma poderosa influencia determinante. E' n'esta *étape* da evolução que se emprehende a depuração e refinamento das religiões. Geralmente nas grandes civilisações, durante este periodo de elaboração, nascem os multiplices systemas de Philosophia, que por um certo periodo de tempo convivem com ellas e até collaboram para a sua composição. Assim succedeu pelo que respeita á religião romana com os padres e doutores da seita catholica e diversos philosophos cultivadores das artes e letras da Renascença. Esta depuração com o auxilio da philosophia é util e necessaria, contanto que a actividade da intelligencia humana se desenvolva a expurgar as religiões dos seus abusos, das suas superstições afim de que d'esta arte melhor effectivem os seus fins. Mas este methodo exclusivo é perigoso. A experiencia, de feito, diz-nos que o sentimento

quando é exclusivo e dominante manifesta tendencias a desconfiar da razão, da mesma maneira que esta, quando se torna mais forte, tende igualmente a desconfiar do sentimento. Até aqui ainda não ha belligerancia. Mas eis que a razão attingiu o seu pleno desenvolvimento, não reconhece barreiras, todo o seu trabalho e collaboração converte-se n'um fructo de destruição. E' então n'este dado momento historico que apparece o conflicto entre as religiões e as doutrinas philosophicas, entre a razão e a fé, e se originam as grandes questões religiosas que decidem do destino e da vida dos povos.

Tal tem sido a genese e a função d'essas grandes unidades systematicas de instituições religiosas que são as religões através das diversas *étapes* da humanidade. Nunca crystallizadas em fórmulas fixas e estacionarias, muito pelo contrario diversas no seu aspecto formal e na sua organização, porque são geradas em necessidades, sentimentos e vistas que vivem n'um fluctuante movimento de transformação, n'um incessante *devenir* consoante o maior ou menor progredimento do momento historico em que se considerem em harmonia com as contingencias do espaço e do tempo e com a solução dos mais graves problemas da vida, em proporção directa com a natureza dos elementos de que são producto. Sirvam de *contrôle* as diversas religiões orientaes, ex. g. a hebraica, onde o *processus* de evolução é obvio, clarividente. Só a religião romana tem pretendido fixar os phenomenos religiosos em fórmulas immutaveis com o seu inflexivel dogmatismo de ferro e com o seu rigido apriorismo. Mas os seus esforços titanicos, as suas subtilezas metaphysicas, as suas distincções na totalidade capciosas, as innumeradas tautologias e quejandos paralogismos da sophistica são um argumento efficaz e irrespondível de que tal pretensão é contraria á natureza do homem — *natura non facit saltus* — e representa quiçá o parto de uma mentalidade já doentia e caduca. No entanto assevero e sustento que as religiões teem-se conservado as mesmas em sua natureza e fins.

Eis porque, cotejando as paginas da historia, as suas lições magistraes nos instruem ácerca da existencia e duração tenacissima das religiões mais absurdas e tyrannicas e as sociedades por ellas organisadas offereceram exemplos da mais feroz e indomavel resistencia sob a acção da sua fé.

Mas que uma sociedade tenha perdurado sem religião nem fé, eis um exemplo, um caso esporadico, ao menos, que a historia nunca nos registou.

J. MATHIAS LOPES.

(Continúa).

## De quando os "vapores" aportam...

A' Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. B. de C. M.

**D**IAS d'alegria e tristeza, quando arribam *paquetes* a estas costas!...

...Navios?!

— Seriam pedaços do meu Paiz, alados, fluctuando... Mas os *paquetes* teem voz! — uma voz amiga que, falando-nos saudades embaladas p'lo clamor vaporoso da *sereia*, nos chora reminiscencias alegres na alma dolorida!...

Ao ser dia rosado pelo Nascente, acordam-nos a memoria entristecida com lembranças de emoções vividas em tempos de sol... já idas!... trazidas d'avanzada na cascata nevada do cortar da quilha... e partem deixando-nos a vibrar longas *trindades* de lívidos crepusculos!...

...Dias de alegria e tristeza, quando arribam a estas costas esses pequenos mundos que vivem nos silencios brumosos e nas solidões esmeraldadas e estrelladas do largo Mar!...

Frémitos d'azas, a distancia, acariciam os laivos desmaiados da ante-manhã...

P'los negros côncavos da costa, vagas espumam brancas resonancias...

Eu estou n'um alto pinçaró tisonado! — negro Phantasma que ainda me fala da antiga belleza do seu corpo de fogo, — ignea estatua!... — e sou um vulto de nostalgica contemplação!

Em frente ao forte — ultima lembrança d'aventuras corsarias, — as aguas arqueiam!... arqueiam! encapelladas levantam-se! — são já montanhas de bronze nevadas nas cristas! — em profundos ruídos de catarata, tombam! abysmam-se, diluindo, abafando tonalidades e sons!... correm, brilhantes, scintillando, caes arriba, orchestrando, n'um golfinhar de notas, os murmurios brandos, siciantes, alvos, das melodias da Espuma!

As gaivotas apparecem, como guigas d'arminho, singrando alvuras no céu que aclara em tintas esbatidas...

e, com leves remaduras plumosas, arripiam-lhe as côres esvahidas em ondulações aerias de debeis sonoridades.

Os tons accentuam-se  
O sol surge, como um Artista immenso, combinando tintas no azul abobadado da palheta do céu, pintando primores nas vivas telas dos campos!...

As gaivotas atravessam a costa, poizam nas gothicas agulhas das cathedralescas construcções de lava... erquem-se nervosas, rapidas, reflectindo a Luz no assetinado das azas... percorrem toda a Ilha, n'uma visita alegre, fresca, — vindas do continente! — gritando boas novas!...

Dias passados, — n'uma paysagem de chuva, a alma feita de nevoeiros, — voltamos a vê-las, librando alto na costa, beijando amorosas a volupia arfante das ondas...

Não visitam a Ilha!...

O clamor da sereia de novo vaporisa sons... Mas nada nos diz!: fala para o longe!

O Capitão apparece na *ponte*... dá ordens, berra, p'r'a prôa.

A ancora levanta, estrepitando correntes, com custo profundo!

O clamor falla para o Longe!...

Nas aguas chorosas, bandeira á ré, o *vapor* branco lentamente, toma rumo!

As gaivotas batem azas n'um vôo largo, arqueado, cinzento, em rythmos de pennas sonoras, da popa-á-prôa... piando para além da liquida linha do horizonte!...

E eu fico indeciso, fóra de mim, — perfeito desterrado!... — estonteado por intensidades sentimentaes e pensantes, d'olhos fitos na minha propria saudade, que singra, leve, na esteira invisivel das guigas d'arminho, que cortam, velozes, a Distancia, aos impulsos nostalgicos das remaduras plumosas!...

Dias d'alegria e tristeza, quando arribam paquetes a estas costas!...

ANTONIO DE SEVES D'OLIVEIRA.

(Da collecção — *Pinceladas...*)

Graciosa,  
Junho de 1913.

# CHRONICA

OU ao leitor uma feliz noticia — Antonio Patricio vae publicar a dentro de pouco tempo uma nova obra, — «D. Pedro Cru». Quem tiver da vida outras alegrias além d'aquelas que experimenta emborcando uma burguesia tarraçada de feijão e orelheira, e não resume as suas aspirações intellectuaes á lorpacidade palerma de citar lombadas, o que dito fica, ha-de levar o alvoroço d'um toque festival.

O artista do *Serão Inquieto*, sensibilidade aristocratisada pela ascensão gloriosa da arte, cinzelador de modalidades rebrinchantes de requinte, que fez da frase uma nevoa finissima e ondeante, onde se descobrem curvas musicaes de palmeira, perfumes de secretos sensualismos, vae agora, após annos de recolhimento, com a sua emoção de eleito ascender a uma nova alma na maior tragedia da nossa historia. A figura phantastica de D. Pedro, com todas as suas violencias mazorras de nevropatha, arcaboço primitivo de traços avivados pela luz de extranha desvairação, silhueta tragicamente rebelde que amargurou a velhice d'um rei e a mocidade d'uma rainha, esbracejando sob a tyrannia avassalladora da paixão, surgirá da poeirada dos seculos, da teia das legendas, com um brilho de epopeia nova. Do silencio dos tempos, quasi ao nascente da nossa historia, o seu coração de rei, erguido ao alto pela alma do chronista, em paginas de simpleza maguada, grita desgraça e dôr ao coração d'um povo que soube chorar com elle, no coice d'um ataúde, em longada de agonia e pranto, de chapada em chapada sob a impiedade dos chaveiros, sob o perdão de Deus.

Espernegado no alazão enlutecido de crepes, macambuzio com a sotruidade extravagante dum Hamlet, rei elevado a martyr, coroado de amargura, santificado pelo soffrimento, o seu aspecto tem longes de barbaro e o prestigio da sua dôr a todas esmagas. Patricio saberá no marmore que lhe guardou o coração e no coração que lhe guardou o segredo, escutar a voz de novas torturas, a tortura de novas lagrimas. Uma revoada de gazes, nevoações estylisadas e adejantes á serenidade d'um pé de vento, rythmos de folhagem moça, alegrias de crystal batido de claridade, virão entrelaçar-se na harmonia musical d'uma bella pagina.

E, todavia, mau grado a grande alma artista que se abeirou da epoca, a obra d'arte, com todo o seu esplendor de maravilha, procissão d'oiro e sol, musica de frases, aladas attitudes de marmores, ha-de empallidecer, desnormalisar-se á luz simples do episodio que o nada dos seculos acarinha e o pó dos archivos desfigura. Poemas d'esta grandeza teem um artista unico, e uma vez só apparecem. Ninguem logrará igualar D. Pedro. Nunca a intelligencia chegou aonde o coração alcança.

Definir-se-ha, com fidelidade, o velludo dos seus brocados, o oiros do seu mantel, o aço vivo das servilheiras. O ar sombrio do seu perfil, onde, a molle e molle, as rugas se franziam torvamente, póde vibrar em destrambelhamentos de epilepsia.

Mas adivinhar aquillo que o proprio D. Pedro não saberia dizer, estylisar a sua magua, cantar o seu amor, olhares perdidos onde as curvas das serranias se espiritalisam em nevoa e vago, sobresaltos e receios, pequeninas amarguras que o vocabulo desconhece e só Deus entende, todo esse poema de febre e sentimento, afinal o verdadeiro thesoiro da senda, elle o viveu e com elle se desfez na gloriosa certeza de que jámais resuscitaria.

Socio da fatalidade, compadreando como bons amigos, ambos compuzeram as ultimas estancias com laminas de punhaes ensanguentados. Contenda de corações só os corações foram surpreendidos, no seu latejar acompassado, pela frieza fina do aço. Apenas dois escaparam, um errante por terra varia a esconder a sua vileza em andrajos de mendigo, o outro, o joven, o reino, a cujo interesse fôra sacrificado.

D'ahi em diante nem mais uma palavra relembra o drama. Dir-se-ia que o segredo recolhêra ao marmore dos tumulos. D. Pedro emmudece. Todo elle é actividade a bem administrar a grei. Deixára o coração em Alcobaga, orando a Deus, rezando a Ignez n'um silencio de templo, n'uma unção de lagrimas.

E a tragedia, corôa-se de mysterio. Só Deus lê na sua alma, só a claridade do céu abranda o seu olhar. Desaparecêra o homem, e apenas o administrador, o aprazil se amostrava um amplo desejo de justiça, uma febre encarniçada de prosperidade. E' assim que o chronista nos dá a figura d'este rei, tragico na mocidade, mysterioso na velhice. E o que a historia contar a Patricio, o artista contará com a elevação d'um aristocrata e o orgulho rigido de verdadeiro intellectual.

Assim seja, para alegria das elites e raiva dos imbecis. Que o mundo sem parvos era uma massada...

Coimbra, 1914.

GARCIA PULIDO.

### Condições d'assignatura:

#### Portugal e Colonias

Série de 24 numeros (1 anno) . . . . .	1\$60
" " 12 " (6 mezes) . . . . .	\$85
" " 6 " (3 " ) . . . . .	\$45
Numero avulso . . . . .	\$08

#### Brasil

Série de 24 numeros (1 anno) . . . . .	10\$000
" " 12 " (6 mezes) . . . . .	6\$000
Numero avulso . . . . .	\$500

#### PAGAMENTO ADIANTADO

Esperamos dever a todas as pessoas a quem enviamos a nossa revista, a fineza da sua assignatura. Caso, porém, não nos queiram dar essa honra, rogamos-lhes nol-a devolvam, evitando-nos despesas e a SS. Ex.<sup>as</sup> a impertinencia da nossa visita.

A Direcção.



# LIVRARIA F. FRANÇA AMADO

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

## Ultimas publicações :

OLIVEIRA GUIMARÃES, <i>Sentenças e critica juridica</i> , 1 vol. . . . .	1\$600
VISCONDE DE CARNAXIDE, <i>Sociedades anonymas</i> , 1 vol. . . . .	2\$000
PINTO COELHO, <i>Direito commercial</i> , 1 vol. . . . .	1\$500
ALVARES, <i>Formulario Civil, Criminal e Commercial</i> , 2 grossos volumes. . . . .	5\$000
ANTONIO MACIEIRA, <i>Direito ao lar</i> , 1 vol. . . . .	1\$000
FRANCISCO M. VEIGA, <i>Adições ao Ministerio Publico</i> , 1 vol. . . . .	600
SÁ NOGUEIRA, <i>Do Divorcio</i> , 1 vol. . . . .	600
MENDES DOS REMEDIOS, <i>Escriptoras d'outros tempos</i> , XVI vol. dos <i>Subsidios para o estudo da Historia da Litteratura Portugueza</i> , 1 vol. . . . .	400
MENDES CORREIA, <i>Os criminosos portuguezes—Estudos de Anthropologia criminal</i> , 2. <sup>a</sup> edição, 1 vol. . . . .	1\$000
J. E. DE LIMA VIDAL, <i>Lições da Natureza e dos Homens</i> , 1 vol. . . . .	600
JOÃO D'ANDRADE, <i>Contos e lendas</i> , 1 vol. . . . .	500
A. SERRÃO, <i>Vida passada</i> , 1 vol. . . . .	500
AFFONSO DUARTE, <i>Tragedia do sol posto</i> , 1 vol. . . . .	300
SALEMA VAZ, <i>Primeiros rebentos</i> , 1 vol. . . . .	400
FERNANDES THOMAZ, <i>Velhas canções e Romances populares portuguezes</i> , 1 vol. . . . .	700

Assignaturas para todos os jornaes e publicações nacionaes e estrangeiras. Correspondencia permanente com as principaes casas editoras do estrangeiro

Trabalhos typographicos  
e de encadernação simples e de luxo